

JORNAL DO BRASIL

Auxílio Liderança necessária

27 ABR 1987

Afrânio de Carvalho

QUANDO Lloyd George fez a sua última e decisiva intervenção nos debates da Câmara dos Comuns, foi para concretizar pela necessidade de liderança sobretudo quando o país se acha em crise, como a Inglaterra se encontrava após o insucesso da expedição da Noruega, devido sobretudo à falta de unidade de comando naquele episódio do início da Segunda Guerra Mundial. A sua voz teve uma ressonância tanto maior quanto os membros da Casa estavam perplexos, aturdidos e preocupados com um revés que não compreendiam nem explicavam.

Como ele fez sentir então ao Primeiro Ministro Chamberlain, o que estava em causa não era a maioria de amigos que tinha na cena dos acontecimentos, mas matéria muitíssimo maior, a confiança da nação na sua liderança. A nação estava disposta a todos os sacrifícios, contanto que depositasse confiança nessa liderança e soubesse que ela estava fazendo o melhor para atingir objetivos claramente definidos.

Por isso, apelou ao Primeiro Ministro para que ele desse o exemplo desses sacrifícios, renunciando ao seu alto posto, visto como esta seria a sua mais valiosa contribuição para a vitória na guerra em que a Inglaterra estava empenhada para defender-se da Alemanha. O apelo encontrou eco no patriotismo do Primeiro Ministro, que renunciou ao cargo, ensejando a ascensão de Churchill, que conduziu a guerra até a vitória final, como todos sabemos.

O Brasil felizmente não se acha em guerra neste momento, mas igualmente se acha em grave crise

devido a vários fatores, entre os quais fácil é destacar, além da dívida externa, o terrorismo grevista e o advento tumultuado da Constituinte, que suscitou uma agitação generalizada no país, menos pela dificuldade da elaboração do texto constitucional do que pela veleidade de inovadores, jejunos no assunto, que desejam transformar a Constituição em uma panacéia... A irresponsabilidade de líderes sindicais e o desencontro de projetistas trouxeram a perplexidade e a inquietação a todo o país.

Dir-se-ia que o país nunca teve antes uma Constituição e pretende adotar agora a primeira, recheada, segundo se imagina, de inovações, a começar do preâmbulo, consistente, ao que dizem, de verdadeira novela. Daí a intenção de colocar nela tudo quanto acorre ao espírito dos elaboradores, que, sendo muitos, oferecem os mais variados dispositivos, destinados a satisfazer a todos os paladares, já que nenhum limite se impôs à imaginação inovadora.

A verdade, porém, é que o país já teve na República outras Constituições, de 1891, de 1934, de 1937 e de 1946, todas relativamente breves e concisas, sobretudo a primeira, que passou pela revisão de Rui Barbosa. A futura Constituição depara, portanto, com uma tradição, que, tanto quanto possível — excluída a ditatorial de 1937 —, ela deve seguir, mantendo tudo quanto a experiência mostrou ser acertado, sem se aventurar em acolher propostas vindas de espíritos irrequietos, ávidos de novidade e de notoriedade, mas despidos de equilíbrio e sensatez a ponto de ignorar o conceito de que progredir é levar avante o passado.

Ante a desordem nas ruas e a

confusão nos espíritos, sobe de importância a existência de verdadeiras lideranças para manter a ordem pública e assegurar o equilíbrio da nova Carta. Essas lideranças precisam merecer a confiança do povo, justamente sobressaltado por tudo quanto está presenciando. Foram homens dotados desse predicado que marcaram vários trechos da nossa história, como Rodrigues Alves na Presidência da República, Raul Soares, na política, e o Otávio Mangabeira, no Congresso.

Segundo o senador Jarbas Passarinho, em declarações prestadas em Porto Alegre, o país está agora em situação semelhante àquela que ocorreu em 1964. Essa advertência deve ser levada em conta por todos quantos, neste momento, ocupem postos na vida pública. Não há desdouro nenhum em renunciar quando o homem público sinta que perdeu a confiança do país e busque ser substituído por quem a mereça na ocasião. O gesto exemplar de Chamberlain, ao invés de diminuí-lo, o engrandeceu como figura respeitável da História da Inglaterra.

Tudo leva a crer que a advertência será ouvida pelas novas lideranças que estão surgindo na Constituinte, como a de Bernardo Cabral na Comissão de Sistematização, tão promissora nas atuais circunstâncias. Oxalá essas novas lideranças exerçam uma influência marcante tanto agora, para debelar a desordem das ruas, como depois para dotar o país de uma constituição sóbria, mas suscetível de desdobramentos por lei ordinária, uma Constituição duradoura, como a dos Estados Unidos, que conta dois séculos.

Afrânio de Carvalho é jurista e professor de Direito